



## O FALSO TRIUNFO DO INFERNO

«Então, o véu do templo rasgou-se em dois, de alto a baixo. A terra tremeu e as rochas fenderam-se. Abriam-se os túmulos e muitos corpos de santos, que estavam mortos, ressuscitaram; e, saindo dos túmulos depois da ressurreição de Jesus, entraram na cidade santa e apareceram a muitos. O centurião e os que com ele guardavam Jesus, vendo o tremor de terra e o que estava a acontecer, ficaram apavorados e disseram: «Este era verdadeiramente o Filho de Deus!» (Mt 27, 51-54)

Assim, com um terramoto e com um impressionante movimento de terra e céu, concluiu-se a vida de Jesus, que, «clamando com voz forte, expirou» (Mt 27, 50). Depois foi-lhe dada sepultura provisória porque o tempo apertava; assim desceu o silêncio do sábado ... um silêncio que penetra no corpo e na alma e que se insinua entre as fendas do coração.

«Terminado o sábado, ao romper do primeiro dia da semana, Maria de Magdala e a outra Maria foram visitar o sepulcro. Nisto, houve um grande terramoto: o anjo do Senhor, descendo do Céu, aproximou-se e removeu a pedra, sentando-se sobre ela. O seu especto era como o de um relâmpago; e a sua túnica, branca como a neve. Os guardas, com medo dele, puseram-se a tremer e ficaram como se estivessem mortos. Mas o anjo tomou a palavra e disse às mulheres: «Não tenhais medo. Sei que buscais Jesus, o crucificado; não está aqui, pois ressuscitou, como tinha dito». (Mt 28, 1-7)

Dois terramotos, dois abalos de terra, do céu e do coração. Muito medo e incerteza. O primeiro terramoto parecia um grito de morte, o urro do Inferno que triunfa num espasmo cenográfico de vitória. Permanecia a tímida confissão de fé dos soldados, a dor daqueles que amavam Jesus e uma esperança morna, como uma brasa escondida no fundo da alma. Precisamente a brasa que alimenta a paciência e o ato amoroso de regressar ao sepulcro, «terminado o sábado», para ungir o corpo do Senhor. E eis o segundo terramoto. Movimento aterrador, mas gesto de triunfo. As mulheres assustam-se, e o anjo pronuncia uma frase-chave do Evangelho: «Não tenhais medo».

«Não tenhais medo», dissera o anjo a Maria ao anunciar-lhe a Encarnação do Verbo. «Não temais», «Não tenhais medo», repetiu tantas vezes Jesus aos discípulos. É uma frase que abre espaço na alma. É uma frase que dá segurança e gera esperança. E Jesus repete-a logo, mal encontra as mulheres perto do sepulcro: «Não temais, sou eu».

Com um «não temais», Jesus destrói a cenografia do primeiro terramoto. Era apenas um grito dado pelo triunfalismo da soberba, O «não temais» de Jesus, pelo contrário, é o anúncio do verdadeiro triunfo, aquele que será transmitido de boca em boca, de fé em fé, através dos séculos. E, ao longo desse dia, esse «não temais» será também a saudação do Senhor ressuscitado de cada vez que encontrar os seus discípulos. Assim, com esta saudação doce e forte, vai restituindo a fé na promessa feita e vai consolando-os. No «não temais» de

Jesus cumpre-se o que Isaías profetizou: «O Senhor consolará Sião e reparará todas as suas ruínas. Transformará o seu deserto num lugar de delícias, a sua solidão num paraíso do Senhor, onde haverá gozo e alegria, cânticos de louvor e melodias de música» (Is, 51, 3). O Senhor ressuscitado consola e dá força.

Hoje, nesta noite de triunfo verdadeiro, ameno e sereno, o Senhor volta a dizer-no-lo, a nós, todo o povo fiel: «Não tenhais medo», eu estou aqui. Estava morto e agora estou vivo. Repete-o há vinte séculos, em cada momento de terramoto triunfalista, quando na sua Igreja se repete a sua Paixão, se «completa» aquilo que falta à Paixão. Di-lo no silêncio de cada coração amargurado, angustiado, desorientado; di-lo nas circunstâncias históricas de confusão, quando o poder do mal se apodera dos povos e constrói estruturas de pecado. Di-lo nas arenas de todos os coliseus da História. Di-lo em cada chaga humana... Di-lo em cada morte pessoal e histórica. Não temais, sou eu. Estou aqui. Sempre que a morte quiser cantar vitória, Ele oferece-nos o seu triunfo definitivo.

Nesta noite santa, gostaria que todos fizéssemos silêncio nos nossos corações e - no meio dos terremotos pessoais, culturais e sociais; no meio dos terremotos fabricados pela cenografia da autossuficiência e da arrogância, do orgulho e da soberba; no meio dos terremotos do pecado de cada um de nós -, no meio de tudo isto, nos decidíssemos a ouvir a voz do Senhor Jesus, Aquele que estava morto e que agora está vivo, que diz: «Não temais. Sou eu.» E, acompanhados pela nossa mãe de ternura e de força, deixemo-nos consolar, restabelecer e acariciar a alma pela voz do triunfador, que, sorrindo tranquilamente, nunca cessa de nos repetir: «Não tenhais medo, sou eu.»

Assim se exprime o Catecismo da Igreja Católica

**394.** A Escritura atesta a influência nefasta daquele que Jesus chama «o assassino desde o princípio» (*Jo* 8, 44), e que chegou ao ponto de tentar desviar Jesus da missão recebida do Pai (*Mt* 4, 1-11). «Foi para destruir as obras do Diabo que apareceu o Filho de Deus» (*1Jo* 3, 8). Dessas obras, a mais grave em consequências foi a mentirosa sedução que induziu o homem a desobedecer a Deus.

**395.** No entanto, o poder de Satanás não é infinito. Satanás é uma simples criatura, poderosa pelo facto de ser puro espírito, mas, de qualquer modo, criatura: impotente para impedir a edificação do Reino de Deus. Embora Satanás exerça no mundo a sua ação, por ódio contra Deus e o seu reinado em Jesus Cristo, e embora a sua ação cause graves prejuízos – de natureza espiritual e indiretamente, também, de natureza física – a cada homem e à sociedade, essa ação é permitida pela divina Providência, que com força e suavidade dirige a história do homem e do mundo. A permissão divina da atividade diabólica é um grande mistério. Mas «nós sabemos que tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus» (*Rm* 8, 28). (pp. 60-64)